

Kivke, o ladrão

Iossef Opatoschu*

Kivke, o ladrão, se estendera entre as pedras e a vegetação selvagem, para lá do parque, onde outrora existia uma igreja, da qual agora só restavam vestígios dos alicerces de tijolo. A seu lado, o paletó e sobre o paletó um boné de pano azul e pala de couro. Kivke aquecia-se, a camisa aberta ao peito. Gozava o sol de setembro que não chegava a queimar, a imensidão azul na qual pairavam os eflúvios outonais, ouvindo o soar das folhas secas e o remoto grasnar dos gansos selvagens.

Para onde voam os gansos?

Da imensidão azul, como de um bom trago de cachaça, veio-lhe subitamente a sensação de que seus membros se enchiam de força. Começou a ficar cansado de estar ali deitado, no campo. A preguiça entrou a evaporar-se. Veio-lhe grande desejo de deixar-se ir com os montes de folhas secas, afastando-se da cidadezinha. Kivke não tinha ninguém lá, embora houvesse nascido em Mlave.

Durante os oito anos em que Kivke estivera ausente tudo mudara, e para pior. Ao rebentar a Primeira Guerra Mundial, achava-se preso por arrombamento em Odessa, e quando o soltaram a guerra já havia passado e havia revolução. Levou quatro anos arrastando-se de Odessa a Mlave. Algo o atraía de volta a sua terra, onde esperava encontrar ainda a velha mãe e Marila, "a mãozinha de ouro", que costumava frequentar, com ele, as feiras anuais.

A velha mãe morrera durante a guerra e Marila, que sempre lhe fora mais fiel do que se fosse sua mulher legítima, sumira no mundo. Além do mais, que miséria! Antes, sob os russos, a vila vivia da fronteira: contrabandeavam da Prússia seda, charutos, blusas, aguardente, relógios e passavam para a Alemanha cavalos, viajantes, carregamentos de farinha. Com o polaco, a festa acabara: nada de contrabando, nada de viagens clandestinas, nada de fronteira. Era uma cidade de cadáveres ambulantes.

Kivke teria fugido de Mlave na manhã seguinte. Desejava: porém, por uma lapide no tumulo da mãe e passar o Dia da Expição¹ na cidade.

Do parque começaram a soar gritos, gritos abafados, como se estivessem surrando alguém. Duraram apenas um momento e o silêncio voltou a reinar. Logo se ouviu o latido de um cão, um latido raivoso. Após o latir, novos gritos.

Kivke ergueu-se de um salto. O azul ambiente ofuscou-lhe a vista. Esfregou os olhos e pôs-se a escutar. Seu ouvido experimentado apanhou gemidos entrecortados. O coração lhe dizia que estavam surrando alguém, surrando um judeu.

Atirou sobre si o paletó e o boné e lançou-se com os montes de folhas que jaziam entre os castanheiros. Com a corrida cresceu a seu ímpeto. Eis que já se encontra no parque. Conhece cada árvore, cada alameda, cada atalho ou caminho. Foi onde mataram seu pai, Elias, o *vilner*.² Campônios armados de paus e cajados perseguiram-no, perseguiram-no desde a antiga feira de cavalos, encurralaram-no entre os arbustos como se encurrala um lobo, e, com seus paus e bordões, o abateram. Os gritos do pai ainda lhe soavam nos ouvidos. Quando foi isso? Há menos de um quarto de século. Kivke ainda era criança, ainda não tinha sete anos. Desde então, por mais de uma vez, provara o sabor das pauladas e bordoadas. Maltas de campônios a perseguirem a gente - pega ladrão! pega ladrão! - e a terra não se abre, as paredes não se afastam e pauladas e bordoadas começam a chover.

Em uma vereda lateral, junto a um banco, viu um judeu apavorado. Um cão ruivo, do tamanho de um bezerro, estava sentado nas patas traseiras e, com as dianteiras, aprestava-se para atirar-se sobre ele.

Ao lado encontrava-se um polaco espadaúdo, de bigodeira frisada em caracol. Senti imenso prazer em ver seu mastim pronto a esfaquear um judeu. Uma palavra, ou um aceno, e o animal derrubaria o judeu, rasgar-lhe-ia o gabardo, arrancar-lhe-ia a barba. De nada adiantou o judeu implorar-lhe que segurasse o cão. E quando este mostrou os dentes agudos e afiados, soltando um latido semelhante a um grito de guerra, o judeu rompeu em gritos lancinantes.

Para Kivke não se tratava de um judeu qualquer. De repente, ouviu os gritos do próprio pai. Investiu sobre o polaco com tamanha fúria que este se pôs a recuar. Kivke bradava:

–Filho de um cão, maldição sobre teus olhos de porco! O que e que você quer com esse homem, uma criatura pacata, para açular o teu cachorro contra ele? Parado aí, derretendo-se de gosto, seu botão enferrujado, só porque um judeu está gritando! Espera um pouco, rabo de cachorro, que vou te fazer dançar uma boa mazurca!

–E que "grande senhor" é você para abrir uma bocarra assim? - o polaco começou a avançar para Kivke.

Das diferentes alamedas começou a surgir uma multidão de curiosos que, enquanto acorriam, perguntavam um ao outro:

– Estão batendo?

– Batendo em quem?

Tudo isso aconteceu num instante. E nesse instante Kivke decidiu de si para si que não devia mexer-se do lugar. Se se movesse, o cão pularia sobre ele. Fitava o ventre avantajado do animal e percebeu também que não se tratava de cria jovem. O cão, ao ouvir os passos da multidão, virou a cabeça, e Kivke acertou o pé calçado de bota nova, com toda força, na barriga do animal. Com a violência do golpe, algo pareceu rebentar na barriga do cachorro. De patas estendidas, ele caiu de lado.

O polaco estacou estupefato, não como se o estranho houvesse matado o cão, mas como se um raio o tivesse fulminado. Logo apareceu um sujeito dizendo:

– Eu não perdoaria uma coisa dessas ao judeu.

– Será que é judeu?

– Pois se é Kivke, o ladrão.

Só então o polaco se lançou sobre Kivke, que, entretimes, arrancara um raminho da árvore e pusera-se a entalhá-lo com um canivete longo e afiado. Kivke, de faces encovadas, rosto pergamináceo, estava tão calmo como se não fosse ele a causa de toda aquela agitação da turba. E quando o dono do cachorro atirou-se sobre ele, manteve-se de costas contra a árvore, sem se mexer, apenas o canivete continuou a penetrar na madeira úmida como em queijo fresco. Tranquilamente, disse ao polaco:

– Rebentei as tripas do cão e vou arrancar as tuas com este canivete. Vamos, por que é que vocês não vêm me pegar?

- Pega, pessoal, pega! - conclamaram vozes de todos os lados.
- Você vai ter um fim pior do que o cachorro! Vai ver de novo o sol nascer quadrado!
- Que ladrão!
- Que judeu!
- Matou o cão de Stachevski!

O tranquilo Kivke de súbito começou a ficar apreensivo. Reparou que de longe traziam um guarda. Afastou-se da árvore, embarafustou-se pelos arbustos, quis dar o fora. De um lado cortaram-lhe a retirada, uma paulada atingiu-lhe a cabeça. Sacudiu-se como de uma queimadura e atirou-se sobre o jovem campônio. Ambos rolaram por terra. Começaram a chover paus e pedras. Em seus ouvidos soavam gritos sufocados, os gritos do pai que fora morto ali, no parque. A imensidão azul começou a encolher-se, trazendo em seu bojo a velha mãe, trazendo Marila, "a mãozinha de ouro"; desceu cada vez mais e encobriu-o.

* **Iossef Opatoschu** nasceu em 1887, na Polônia, e morreu em Nova Iorque, em 1954.

*A *Arquivo Maaravi* agradece, de forma muito especial, à Editora Perspectiva pela generosidade de permitir a publicação deste conto que, no Brasil, saiu, em *O conto ídiche*, em 1966, com tradução, seleção e notas de Jacó Guinsburg.

Referência

OPATOSCHU, Iossef. Kivke, o ladrão. In: *O conto ídiche*. Tradução, seleção e notas de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966. p. 289-293.

Notas

[1] *Iom Kipur*, Dia da Expição, é uma das principais celebrações da religião judaica. Nesse dia, o judeu observa jejum absoluto, ora, examina a consciência e se penitencia.

[2] De Vilna.